

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO DE ANGELO AGOSTINI

R. DO OUVIDOR 109



D. Quixote - Com que então...

Justica - E' verdade, D. Quixote,.... Puzeram-me na rua...

D. Q. - Comprehando... A tua presenca nesta casa não convém a certos Sena-
dores...

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	20\$000	Anno.....	24\$000
Semestre....	12\$000	Semestre....	14\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura termina no fim do corrente mez, recomendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 8 de Junho de 1895.

TOPICOS

A *Gazeta de Noticias* deu-nos a nova de que o Sr. Dr. Andrade Figueira vai fundar um jornal que será orgão do partido monarchista. (?) Adduzindo ligeiro commentario á local, o illustrado collega entende que o severo ex-deputado vem prestar um serviço á patria, constituindo-se adversario leal do regimen republicano e dando assim ensejo a que proveitosa discussão se trave sobre assumpto de tal magnitude.

Pedimos licença para discordar da opinião do notavel confrade e não aereeditar mesmo na pretensão do Sr. Dr. Andrade Figueira.

Fundada imprevisamente, e, por assim dizer, de afogadilho, em consequencia da explosão de um movimento militar, e não por força de uma transição imposta pela influencia de uma propaganda activa, effieaz e civil, como fora para sinceramente desejar-se, é certo que a nossa republica tem, por isso mesmo, por esse vicio originario da sua fundação, atravessado crises notaveis, e soffre agora mesmo os terribes efeitos dos erros commettidos principalmente em virtude da incapacidade ou má orientação de muitos que a tem procurado servir...

Mas o que é facto é que, apesar de todos esses males produzidos, não ha duvida alguma de que a instituição republicana está definitivamente firmada e é a que nos pôde dar a prosperidade material e a preponderancia politica de que somos dignos, como nação de riqueza e vastidão excepcionaes, neste bello continente americano.

Nutrido esta convicção, reputamos positi-

vamente má e infeliz toda a idéa que visar a perturbação da vida da Republica, pela propaganda a favor de uma instituição, não mais possivel de ser reimplantada, sem acarretar para a nação calamidades ainda maiores do que as que a Republica lhe tem imposto como pesado tributo.

Não comprehendemos a utilidade da fundação de um jornal que, para mostrar a excellencia da instituição monarchica, terá de exercer uma critica muito mais severa do que a que todos nós temos exercido contra o que julgamos pernicioso e fatal á Republica.

Entendemos, ao contrario, que a existencia de um jornal monarchista será um elemento grandemente perturbador do nosso já perturbado e desorientado meio social, porque, para fazer opinião, elle terá de jogar com os elementos fornecidos pela critica dos jornaes republicanos, fazendo sobre elles recahir a nota de uma suspeição intoleravel, ou ficando só em campo, na justa profligação dos erros do governo, se, para fugirem áquella suspeição, os jornaes republicanos passarem todos a applaudir servilmente os actos dos poderes publicos.

Nesta questão da pacificação, por exemplo, o jornal do Sr. Dr. Andrade Figueira estaria com a maioria da imprensa republicana e da nação a verberar os caprichos cabeçudos dos nossos homens politicos e a mostrar a torrente de sacrificios que inutilmente têm sido feitos para manter-se a guerra civil no Rio Grande do Sul.

Ora, se nós, que pedimos a pacificação, tão necessaria, tão essencial para o bem geral da Republica; que demonstramos, por todos os modos, o erro que o governo commette, não intervindo para represar aquella torrente de energias e recursos que se esgotam — somos a cada passo, taxados de *sebastianistas*, pela intolerancia dos bugres do castilhismo, o que não succederia, se, aparentemente ao nosso lado, se batesse pela mesma idéa da pacificação o jornal do partido monarchista? (?)

Discordamos, portanto, da opinião da *Gazeta de Noticias*. Julgamos impertinente e sobretudo inopportuna a idéa da fundação do jornal partidario do monarchismo.

Nem a Republica atravessa phase de socego e de prosperidade, que a torne invulneravel ao embate de golpes politicamente adversos, nem o nosso meio social comporta a existencia de um tal adversario, por muito leal que se apresente.

A intolerancia de uma seita de baixa politica arvorada em supremo arbitro dos nossos destinos, não trepida em assacar toda a casta de injurias contra os que, fazendo outra idéa da Republica, não podem bater palmas á falsificação do ideal democratico.

Se isto é uma verdade, que todos os dias presenciemos, como quer o Sr. Andrade Figueira fundar um jornal que, pela sua orientação, terá de levar muito mais longe a demonstração da incapacidade dos corypheus da tal seita?

Decididamente, o velho parlamentar labora em erro grave.

A Republica está doente devido á imprudencia dos que a fizeram instrumento de instintos sanguinarios ou de partidarismo de campanario.

Mas o remedio para o mal encontra-se na propria republica.

Similia similibus curantur. E o Sr. Dr. Andrade Figueira, além de outros desgostos que lhe poderão sobrevir, perderá o seu latim se persistir em pensar o contrario...

O CORPO DE BOMBEIROS

RELATORIO APRESENTADO PELO SR. CORONEL ABREU LIMA

Pela leitura desse relatorio, cuja clareza e boa organização muito honram o Sr. coronel Abreu Lima e o seu tenente-secretario Henrique E. de Assis Loureiro, vê-se quanto o actual commandante do corpo de bombeiros se esforça para obter do governo os meios, não só de manter o credito de que esse corpo goza entre nós, como tambem de aperfeçoar-lhe o seu serviço.

Parece-nos, porém, que o Sr. coronel Abreu Lima perde o seu latim, o que acontece a todos os patriotas bem intencionados, mas algum tanto ingenuos, que desejam progredir quando a ordem politica do dia é «andar para traz!»

Pedir meios ao governo para aperfeçoar o serviço do corpo de bombeiros, augmentando o pessoal, o numero de postos, estações e outras cousas de absoluta necessidade, é hoje considerado uma loucura, um desaforo até.

Pois então é barro o dinheiro que é preciso mandar para o Sul? Todos aquelles fornecedores que se enriquecem á nossa custa, á custa da Nação inteira e do seu credito não merecem toda a consideração do nosso paternal governo?

E não temos aqui no Congresso, assim no Senado como na Camara, varios illustres patoteiros, isto é, illustres advogados que com todo o ardor defendem tão vorazes patoteiros?

Bem se vê que o Sr. coronel Abreu Lima, a quem não poupamos louvores, pois que o seu relatorio bem mostra quanto é digno de commandar o nosso valente e brioso corpo de bombeiros, não está bem a par da nossa alta administração politica, e... diremos mais, até do seu pessoal.

Para exemplo transcrevemos do seu relatorio o que lemos sob o seguinte titulo:

VENCIMENTOS

« Em officio n. 151 de 6 de Abril pedi a esse ministerio para solicitar do da Fazenda o pagamento dos vencimentos de Novembro e Dezembro de 1893, de praças que, achando-se destacadas na Fortaleza de Santa Cruz, fazendo parte da guarnição militar por occasião da revolta, deixaram de os receber, por lhes ter sido vedada a licença para vir a esta capital, cahindo esses vencimentos em exercicio findo. Até á presente data, apesar dos reiterados avisos deste ministerio e da intervenção do cidadão ministro da Fazenda, ainda não foram estas praças pagas de seus vencimentos, devido simplesmente a não ter querido processar os papeis o pessoal subalterno da Directoria de contabilidade do Thesouro Nacional.»

Isto é simplesmente adoravel e mostra quanto é digno de apreço o nosso pessoal administrativo!

Vemos então que, apesar dos reiterados avisos do ministro do Interior e da intervenção do proprio ministro da Fazenda, os empregados *subalternos* do Thesouro Nacional, zombando dos directores da contabilidade, seus chefes e de dois ministros, sendo um delles o da Fazenda, portanto chefe supremo, entenderam dever pregar um colossal calote a umas pobres praças, que, em obediencia ás ordens emanadas do proprio governo, por quem elles arriscaram a pelle, tiveram de marchar para a fortaleza de Santa Cruz!

N'um caso destes, a logica manda que os

subalternos occupem os cargos de ministros e directores e estes os daquelles.

Decididamente esta nossa administração é uma administração modelo! Se fosse cousa de pegar fogo... não seríamos nós os primeiros a dar o signal de alarma; desejaríamos até que, fazendo uma excepção á sua proverbial actividade, o corpo de bombeiros accudisse o mais tarde possível.

Felizmente, não temos com a alguma a reber desses illustrissimos e poderosissimos empregados subalternos do Thesouro.

Pregar calotes aos pobres bombeiros, quando outras praças recebiam soldo dobrado...

... E... muito desaforo!

X.

TAGARELLICES

Andam por ahí uns pessimistas rançosos e rabugentos a jeremiarem umas lamentações caturras contra tudo que de ha alguns annos a esta parte se nota no movimento social desta terra do Cruzeiro.

Para esses espiritos toupeiras toda a inovação, tudo quanto se affasta do molde tacarinho dos antigos usos e costumes é desregramento, desordem, anarchia!

A seu ver, o progresso deve ser como o kagado—animalejo pachorrento, madraço, que caminha preguiçosamente, e quando esbarra com uma parede queda-se ahí philosophicamente á espera que esta se affaste para que o deixe proseguir no seu caminho.

Não comprehendem nem supportam a transformação rapida, instantanea, electrica das cousas.

Um bacharel que ao cabo de alguns annos sahia da escola de Direito saturado de latim, de digesto, de praxes e de ordenações, começava a marcar passo na magistratura, subindo kagadamente (leiam direito) a escala dos quadriennios para entrar maduro no juisado de direito, grisalho na desembargadoria e encanecido no ministerio supremo da justiça!

Como isto era cacete! amolador! enfadonho!

Hoje, graças ao progresso, á electricidade administrativa, faz-se tudo isso enquanto o diabo esfrega um olho!

O bacharelado é instantaneo!

O magistrado é um, dois, tres, passe! De um pulo salta de uma secretaria para o Supremo Tribunal.

Emquanto se diz: «Fogo viste linguaça», um aprendiz de reporter transforma-se em autor dramatico!

Da noite para o dia, um cambista loterico da rua faz-se banqueiro, milionario e titular!

E, finalmente, em um abrir e fechar de olhos da *Legalidade*, um poltrõesinho arvora-se em tyrannete e repimpa-se em uma curul por eleição de si mesmo!

Como isto é admiravel! espantoso! estupefaciente!

E venham para cá os carranços com as suas praxes ronceiras encravar a roda do progresso!

Boas!

Não, que a electricidade não se inventou somente para tagarellices por arames; mas para multiplicar a força e a actividade assim das cousas como das pessoas.

Dahi o progresso espantoso que tudo accelera, inclusive a marcha dos bonds, para felicidade dos homens e... dos burros.

E por fallar em bonds...

Fui ver as experiencias que se fizeram do *Preservador Cavalcanti*, e, como todos que a ellas assistiram, admirei a excellencia do humanitario invento.

Adaptado aos bonds, é de presumir que, a não ser pelas patas dos burros, nenhum precipitado passageiro ou imprudente transeunte será jamais victima de esmagamento.

Os directores das companhias de carris urbanos, porém, se alguma cousa admiraram foi a teimosia de ainda se procurar destituir-os da procuração que lhes autorgaram a febre amarella, a variola e o cholera morbus para desi-

marem a população, ao verem-se escurragadopedelas seringaões interminas dos desinfectadas res officiaes.

— Preservar de desastres a população! dirão elles lá consigo.

Mas então como é que se ha de augmentar o obituario?

Desse augmento vivem muitos medicos, muitos boticarios; vive o Merino, vivem os fabricantes de moletas e de pernas de pau; vive a empreza funeraria; vivem os alugadores de carros, vivem os cozeiros...

Só não vivem... os que morrem!

Nada! Para que haja ordem e progresso é preciso que até o obituario prospere.

Andar assim, que é bom andar.

O Cavalcanti que cuida de outro officio e não mate com o seu salva-vidas o officio dos outros.

O progresso é destruidor e não conservador.

O invento que tem por fim conservar a vida ou as pernas dos cidadãos é um invento anti-progressista.

Os estudantes de medicina comprehendem isto muito bem, e tanto que, á falta das vidas ou das pernas que ainda lhes não é licito destruir, para irem desde já destruindo alguma cousa que valha a pena, tentaram sob um futil pretexto, destruir a reputação de um notavel escriptor.

Influencia suggestiva ericococelhica.

A bem dizer, quem disse teve a culpa foi o proprio José Telha em ter posto em liberdade os macaquinhos do seu sótão, e ir para a *Noticia* deitar observação conservadora.

Para estudantes menos progressistas, a observação quando muito, era caso para uma carta ao redactor da *Noticia* explicando a cousa e recusando a insinuação que lhes desagradava.

Mas não senhor; os meninos progressistas não são gente para deixar as cousas quietas no seu lugar.

O pilherico José Telha, transformado em F. serio, pareceu-lhes (lá a elles) um Napoleão de gesso, e atiraram-se a elle.

E, sempre progressistas, para o espatifarem, em vez do antiquario bodoque, empregaram uma arma ultra original.

Apanharam um ganso e... que pensam que fizeram?

Arrancaram-lhe uma penna e lá foram disparal-a, como setta mortifera, contra o sisudo F. que, em vez de cahir fulminado, como contavam, apenas se dignou abaixar-se para apanhar a promettendo fazer d'ella entrega ao José Telha para nova fornada de macaquinhos.

Em vista de tal mallogro, novissima ideia foi posta em pratica, não já contra o invulneravel F. somente; mas contra toda a redacção da *Noticia*.

Munidos de uma grande palmatoria, assim como quem dá as mãos a ella, lá foram processionalmente no dia seguinte para a rua do Ouvidor deitar ovação, que fez muita gente suppor ser dirigida ao Sr. coronel Vespasiano.

Não foi tal, affirmo; a coisa foi com a *Noticia*, a *Gazeta d'ellas* e a *Cidade do Rio*, pois quiz a mocidade aproveitar o ensejo para ainda uma vez fazer o Patrocínio alvo.

E, em vista d'isto, teimam ainda os pessimistas em jeremiarem contra a ordem e o progresso que por ahí vai!

Fortes caturras!

MESTRE NICOLAU.

MARCHA FUNEBRE

A JOSÉ DO PATROCÍNIO

(Embarque do batalhão 16 para o Sul)

Por entre as alas tristes, silenciosas
Do povo, que o contempla compungido,
Peló dever de classe compellido,
No seio occultas lagrimas saudosas;

Ao som das phrases musicas ruidosas
Da banda, á frente, em pelotão luzido,
Lá marcha o batalhão, de dor transido,
Por entre as alas tristes, silenciosas.

Vae caminho da morte, não da gloria;
Pois contra irmãos a combater forçados,
Não os inflamma o anheló da victoria.

Marcham, porque a marchar são violentados;
Mas dos mandões, que os forçam, ha de a Historia
Os nomes registrar ensanguentados.

V.

MAIS UM!

Quando eu hontem fui jantar, o Manoel, — um amavel e espirituoso rapaz que me costuma servir no restaurant onde faço as minhas refeições—estava sentado a uma mesa afastada, muito preocupado a escrever.

Tendo-me sentado á mesa habitual e vendo que elle não se movia, bradei-lhe:

— Olé, Manoel amigo! Então, não me dá um ar da sua graça?

— O que ha de ser? Veja! exclamou elle, pondo-me diante o cardapio.

Por estas palavras já o leitor fica sabendo do que este Manoel perpetra o calemburgo.

Pedi-lhe uma sopa, e pondo-m'a na mesa voltou a escrever.

— Pelo que vejo, está com a escripturação atrazada? interroguei.

— Qual o que? Estou escrevendo uma revista.

— Uma revista!

— Sim, uma revista do anno para o theatro.

— Que me diz! Pois você tambem escreve revistas?!

— Porque não? E' uma cousa muito facil; qualquer o pôde fazer.

— De veras? E eu que pensava que uma revista era uma obra litteraria e artistica!

— Isso foi n'outro tempo; hoje em dia uma revista não precisa de litteratura nem de arte.

A gente vai enfiando assim como contas em um cordão alguns acontecimentos do anno, referindo uns em prosa chula e outros em versos de pé quebrado para o maestro metter na musica que elle lá entender, já se vê, de tango, de lundú, de fandango para os actores e coristas cantarem requebrando-se como no maxixe da cidade nova, e o ensaiador e o scenographo fazem o resto.

— Mas, em todo caso, esse cordão em que os factos são enfiados precisa ser uma acção, um contexto que dê á peça um ponto de partida, que encadeie os factos e os condusa a uma conclusão mais ou menos logica, com a qual se encerre pela apothecose final.

— Ora bem se vê que o Sr. não leu as criticas feitas aos *Pontos nos ii* e á *Bicharia*. Lá dizem que estas revistas são, como todas as revistas; peças sem enredo, sem entrecho, o que vale dizer uma cousa sem pés nem cabeça.

— Como todas as revistas, não: como todas as ruins revistas; porque ha revistas que são verdadeiras obras de arte, que reúnem a uma bem architectada urdidura, uma critica sensata e espirituosa que deleita e instrue o espectador.

— Pois seja como for; o caso é que os *Pontos nos ii* e a *Bicharia*, apesar de tudo, estão fazendo successo, e o Vicente Reis está na ponta!

E tomando de sobre a mesa em que escrevia algumas folhas de papel, o Manoel acrescentou:

— Aqui está já o primeiro acto da minha revista. Vou ler-lhe os personagens:

1º. O Seculo.

2º. A Fortuna.

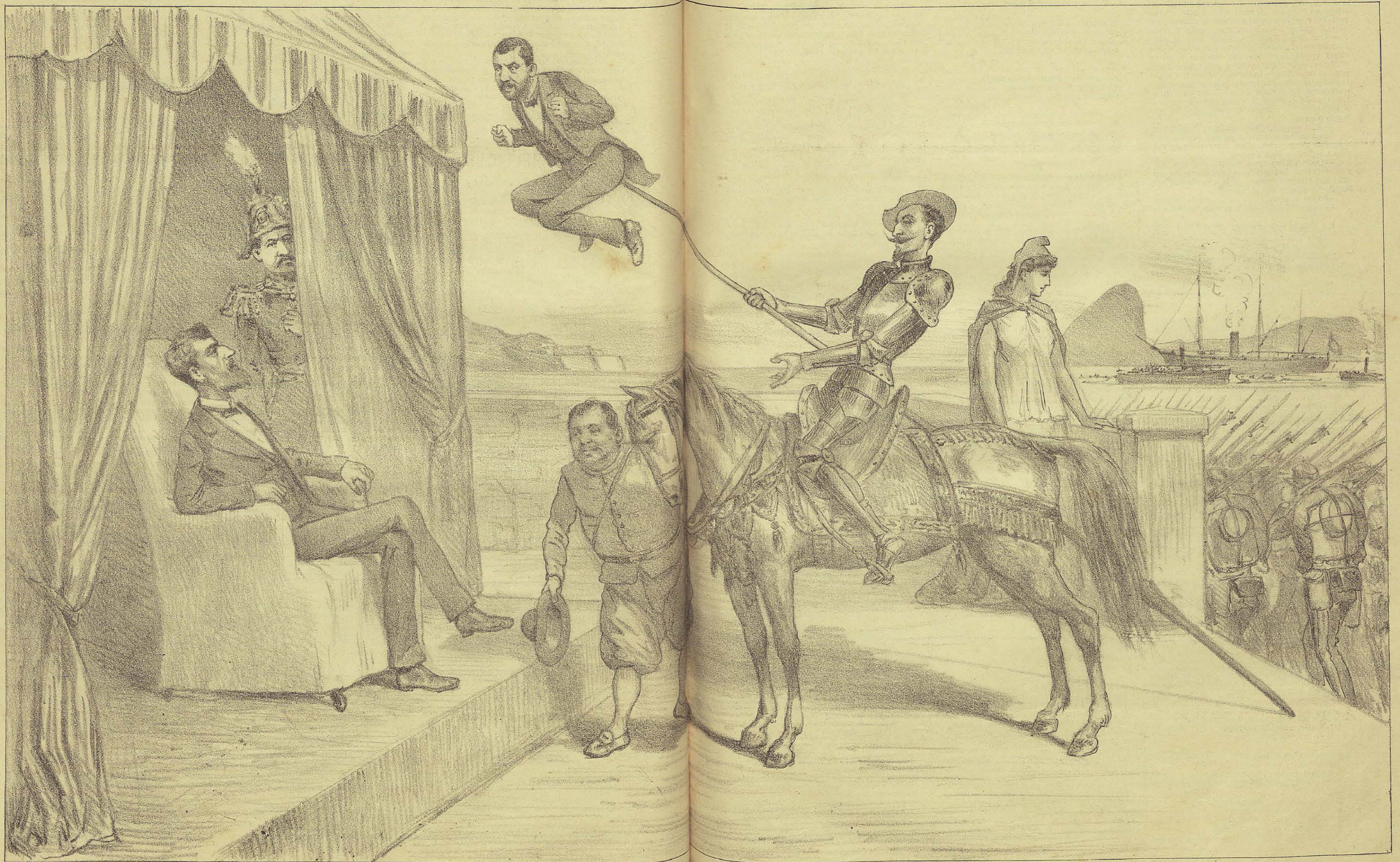
3º. O Frio.

4º. O Calor...

— Mas, interrompi qual é a acção que motiva a existencia d'esses personagens symbolicos na peça?

— A acção! exclamou o Manoel admirado; ora! a acção é... é apparecerem sempre em scena para referirem os acontecimentos do anno, e dialogarem com os demais personagens que forem apparecendo.

— São, portanto, os compadres da revista. Muito bem. Mas é que, symbolisando cada personagem d'esses um objecto muito significativo, é indispensavel que elles se relacionem por uma acção que lhes dê rasão de ser, justificando



Ao ver partir para o Sul esses bravos soldados, o que tanto entristeceu a Nação, D. Quilino apresenta pela segunda vez o unico meio efficaz de acabar a guerra fratricida, injusta e ruinosa, arrancando do governo do Rio Grande este despota causador do derramamento de tanto sangue bravo.

a intervenção do objecto com cujos nomes figuram.

— Ora, isso também é querer muita coisa! Personagens symbolicos é cousa usual em todas as revistas, e cada qual mette n'ellas aquelles que fantasiam. Lá quanto aos nomes, isso não quer dizer nada; tanto os chamo Seculo, Fortuna, Frio e Calor como lhes poderia chamar Francisco, Antonio, Manoel, José. Pelo que estou vendo, o senhor não entende patavina d'estas cousas. Para se fazer uma revista não é preciso mais do que indicar os factos com umas tantas pilherias e pôr nas rubricas os nomes d'aquelles que os actores devem imitar ou caricaturar, e afinal, como já disse, são os actores, o ensaiador, o maestro e o scenographo que fazem o mais.

— Está direito, disse eu afinal, convencido de que realmente nada entendia do riscado; d'essa maneira você pôde fazer revistas em penna e ganhar uma fortuna.

— Olhe,olveu-me o Manoel, com um sorriso de autor lisongeado.— O senhor quer ver uma boa pilheria que eu ponho na bocca do Seculo no quadro dos theatros?

— Vamos a ella.

— Ouça lá. Trata-se da revista *Pontos nos*

ii.

E o Manoel poz-se a ler:

SECULO

Não sabes, querida Fortuna, porque foi que o Vicente não deu á Pepa a sua revista *Pontos nos* i i ?

FORTUNA

Não.

SEGULO

E' porque a Pepa roe ii, e elle recebeu que, em vez de lhes pôr os pontos ella lh'os roesse!

— Oh!!! exclamei eu, horrorizado!

— Que tal o calemburgo?

— E' de fazer vir a baixo o theatro!

— Vae ver! vae ver que revista! Hei de passar a perna ao Vicente, apesar de não ser bacharel nem nada! Elle disse-me que— ainda se julga um Arthur Azevedo—agora que começa. O que acha o Sr. que eu devo ainda julgar-me quando também começar?

— Ora... um Vicente Reis, pois então?

— Está dito. Por ora como começo, julgar-me-hei ainda um...

— Vicente Reis, repeti, sahindo, em quanto o Manoel volvia a escrever a sua revista.

SYMPHONIO.

CHINOISERIES

Não perde vasa o rapasio p'ra o seu espirito mostrar, fez tudo andar n'um corropio quando se quiz manifestar.

Ingenuamente, sem malicia, uma ovação elle emprehendeu: com uma noticia d'A Noticia subiu a serra, e após desceu.

Mas, uma cousa é de notar-se que ainda faz-me reflectir: quando a subiu... ia a zangar-se, mas afinal desceu a rir...

Pois á questão tão grave e séria uma resposta só achou: o indiscutivel da pilheria; e assim a cousa terminou.

Acaso um tolo ainda ha que possa a sério a epocha tomar? Triunpha a logica da troça indo o criterio passeiar.

Incorporados os rapazes foram saudar as redacções, firmes, impavidos, tenazes; por entre gritos e ovações.

Só lhes faltava o homem *banda sete* instrumentos a tanger mas inda assim: justiça manda que se lhes diga — era de ver.

Formidolosa palmatoria, o mimo fô, mas ao chegar o grupo — em brados de victoria — um delegado o fez parar.

E, como um outro, que, na roça, dizem alguns, o mesmo fez, eil-o a gritar: Basta de troça, a procissão vá p'ra o xadrez!

Mas não chegou a cousa a tanto, pois (quanto é bom ser-se rapaz de Academia) por encanto voltam á rua e... fez-se a paz!

LU-NO.

FERROADAS

Já os senhores souberam que um dos vidros da claraboia da camara dos deputados desfez-se ha dias em estilhaços, vindo um destes ferir o augusto dedo de um elegante e perfumado ex-futuro ministro das relações exteriores.

A' primeira vista, parece que o incidente nada tem de significativo, mas, eu peço a palavra para uma explicação.

Senhores, quando se deu o facto, justificava um requerimento pacoato o Sr. Bueno de Andrade e, certamente, não foi o verbo ordeiro e algido de sua Ex. o causador do desastre na claraboia.

E' claro, pois, que o vidro já estava rachado e que só por acaso fortuito commetteu a irreverencia de cahir inoportunamente.

A questão, portanto, para mim, era esta: — O que determinou a racha da claraboia? Fiz esta pergunta a varios devotos das sciencias cabalísticas e mysteriosas, mas resposta alguma me logrou satisfazer.

Recorrendo, então, ao meu preclarissimo e conceituoso amigo Sancho Pansa, começou elle por concordar que, effectivamente, antes de cahir no recinto, devia estar partido o tal vidro.

E acrescentou:

— Na vespera da queda e do desastre, falou o Vituca Monteiro que, secundado por apertes do 136 V, disse cobras e lagartos do *Jornal do Commercio*. Ora, terminou Sancho, —quem tem telhado de vidro... deve fazer o que aconselha o resto do proverbio, a bem da integridade da claraboia...

E como Sancho Pansa fallasse em apertes do Sr. 136 V, eu recorri aos jornaes e vi que, na realidade, Sua Palmatorencia dissera que o *Jornal do Commercio* não podia dar lições de moral nem a galês.

Peço licença para corrigir:

O *Jornal do Commercio* não deve dar lições de moral a galês e muito menos aos do typo de que nos fala o poeta, nestes versos magestosos:

.....
Com elle (1) hei de fundir a algema inquebrantavel,
A grilheta que a tua esqualida memoria
Trará, arrastará pelas galês da historia,
Durante a eternidade, illimitada e calma.
.....

Porque afinal, isto de lições de moral a quem não sabe o que isso é, não deixa de ser asneira e grossa!

Eu ouvi o discurso com que o illustre senador Quintino verberou o projecto de amnistia em discussão no senado.

S. Ex. entouu tetricamente um *De profundis* á generosidade do coração brasileiro, que, felizmente para nós, está fora do partido em nome do qual o nobre senador se oppõe a qual-quer amnistia.

S. Ex. piutou a cores negras o perigo em que imagina ficar a Republica, se passar o projecto que S. Ex. considera uma transacção humilhante para o governo.

Palavra de honra: tive medo do discurso do illustre republicano, apesar de não ser muito penpenso a morrer de caretas.

(1) O ouro de Judas.

E tive medo, confesso, porque S. Ex. á força de metter medo á Republica acabará por ter medo de simesmo.

Emfim, como S. Ex. falou como chefe do partido em maioria na camara e representado *tambem* no actual governo, pode-se desde já affiançar que isto de amnistia foi uma isca para apanhar os votos dos rebeldes á approvação dos actos do governo passado.

O que acho exquisito é estar o Sr. Campos Salles a quebrar lanças pelo projecto de amnistia.

S. Ex. é, pelo menos, tão republicano como o Sr. Quintino, e *tambem* amigo do governo, cujo honrado chefe, ao que se disse, foi consultado pelo nobre senador sobre o projecto de amnistia e certamente concordou, pois no caso contrario, o Sr. Campos Salles desistia de desgostar o Sr. presidente da Republica...

Resta saber, portanto, qual dos dois republicanos é o melhor defensor da Republica: se o Sr. Quintino, votando contra qual-quer amnistia, se o Sr. Campos Salles, querendo a do projecto em discussão.

Só a justiça da historia o poderá dizer e julgar os politicos apavorados, cujo medo custa á Nação o sacrificio de milhares de contos, mensalmente...

— Tu que entendes de politica e conhece bem os homens, dize-me cá: — Quem te parece mais republicano — o senador Quintino ou o deputado Glycerio?

— Homem... Sim... Elles são... Mas, entre os dois, eu escolho o senador... Campos Salles.

PERNILONGO.

GRACIAS

PHOSPHATINA FALIÈRES — E' de uma amabilidade *fin de siècle* a tal Sra. D. Phosphatina! Imaginem que esta Exma. Droga, para captar um sorriso do *Don Quixote*, levou a sua gentileza ao extremo de lhe encher a mesa de uma porção de objectos de fantasia para diversos usos, qual delles mais delicado e mais el'ic.

Pastas para escrever, lapiseiras com store-kalendario, limpadores de pennas, leques, carteirinhas para notas, etc., etc., e tudo isto em bellas caixinhas com o seguinte distico. *Offert par la Phosphatine Falières.*

Uma circular do Sr. J. B. A. Petit, unico representante, no Brazil, das drogarias e fabricas de productos pharmaceuticos Darrasse Frères & Landrin, Maride & C., Chassaing & C. e P. Rigollot & C., de Paris, capeando uma lista dos diversos productos dessas drogarias e fabricas, acompanhou os objectos com que a referida *Dona Phosphatina* nos mimoseou.

Agrdecendo-lh'os, recommendamos aos nossos leitores que, como nós, poderão ser obsequiados com identicos objectos procurem alli na rua da Alfandega a casa do Sr. A. Petit.

Royal Champagne Albert Valet & C. — Acerca d'esta seneclenta bebida conhecida e saboreada em todo o Universo, recebemos um dia d'estes um cartao do nosso digno amigo Henrique Villeneuve no qual vimos escripto o seguinte:

«Amigo Agostini—Mando-lhe duas garrafas da Champagne de Albert Valet & C. Desejo que esta champagne lhe alegre um momento o espirito e lhe faça esquecer os aborrecimentos da vida.»

Je ne me suis pas fait prier.

Tratando-se de champagne é natural que deite francez. Isto quer dizer que a rolha não tardou a saltar com o mais alegre dos estampidos. Varios copos chegaram-se pressurosos ao encontro da alva espuma e... não lhes digo nada! Uma delicia!...

Não sei porque, mas n'essa occasião todos os meus companheiros de redacção e outros declararam-se tristes e aborrecidos da vida e... lá foi tambem a segunda garrafa (que guardava para mim!)

Os tratantes tinham lido o cartão que me dirigira o Henrique Villeneuve. Mas como eu sei que este meu amigo é o representante no Brazil da dita champagne Albert Valet & C. e que o seu escriptorio é na rua do Rosario n. 110, comprometto-me a ir pessoalmente agradecer-lhe e a ficar n'esse dia algum tanto triste para ter mais uma occasião de alegrar-me.

CABALLERO DE GRACIA

THEATROS

NOVELLI

MERCADOR DE VENEZA

Não são de mais, por certo, os encomios da imprensa e os louvores da critica ao talento extraordinario deste grande actor.

Novelli é tanto mais admiravel quanto a sua natureza, dominada á vontade pelos recursos da arte, mais o torna excepcional, apto para todos os papeis, facil em estampar todas as sensações quer alegres, quer dolorosas, em reproduzir todos os sentimentos na sua mobilissima physionomia.

Alguns jornaes têm, para elogiar o grande artista, feito a comparação entre elle e Ernesto Rossi julgando-o superior, indo assim arrancar ao livro do passado o nome do grande Rossi e atirar-o de novo para a discussão.

Entretanto, admirador do merito extraordinario de Novelli, porém não menos admirador de Rossi julgamos tal confronto impossivel, pois o temperamento, a indole dos dois artistas são inteiramente diversos.

Rossi era artista muito pela arte, mas muitissimo pela natureza; Novelli é muito pela natureza, mas muitissimo pela arte.

Rossi era a torrente impetuosa que só tem caricias de onda mansa ou rugidos de tempestade.

Artista de gesto largo, de declamação brilhante, cuja alma se entregava sem reserva á emoção, Rossi viu-se seriamente contrariado, teve de fazer violencia á sua indole, para metter-se nas barbichas do judeu *Shylock*, nesse caracter pequeno, vingativo, sordido e frio como o metal que juntava á custa de lagrimas.

Novelli sente-se mais á vontade nesse papel, não porque o seu temperamento não seja proprio para *Hamlet* ou *Romeo*, mas porque elle é como a cêra que se amolda a todas as formas, elle é o Protheu admiravel que agora nos faz tremer, apoz nos faz chorar, para depois nos fazer rir.

Novelli, podemos dizel-o sem receio, não tem genero seu, porque, á força de estudo e arte, fez seus todos os generos.

Si quizessemos fazer confrontos diriamos que, no *Shylock*, Novelli levou alguma vantagem a Rossi, mas isso já era de prever para quem conhece os dois artistas.

Na scena com Antonio no 4º acto, Novelli foi esplendido de naturalidade, apenas revelando em rapidos movimentos de olhos o desejo de vingança contra os christãos, que escondia o contracto. No final desse acto foi admiravel ao achar-se roubado pela filha que fugira.

No 2º acto, na scena com Tubal teve transições esplendidas de dor para alegria ao saber do naufragio dos navios de Antonio.

O 4º acto é o principal para o desenvolvimento do trabalho artistico, e Novelli, como era de esperar, tirou o melhor partido possivel dos seus maravilhosos dotes artisticos.

Imperioso e satisfeito em reclamar o cumprimento do contracto, chega á maior expressão de triumpho quando Portia autoriza-o a usar dos seus direitos sobre Antonio, para logo mudar essa victoria em dor e desespero quando ella lê o artigo de lei que pune com a morte quem derramar sangue christão. D'ahi por diante a humilhação do judeu accentua-se; o desalento, o terror apoderam-se delle até á sabida que foi feita de um modo verdadeiramente notavel por Novelli.

Um artista de tal tempera não é para empregar o seu talento em pequenas comedias de escola moderna, como a Familia Pont-Biquet e outras; é para o repertorio de Shakspeare; e, se quer mostrar seus dotes de actor comico, tem um vasto repositorio em Molière. Um artista de tal merito só deve reproduzir typos consagrados pela immortallidade.

O conjuncto é mais que regular. A Sra. Olga Giannini é uma artista distincta.

Fez brilhantemente a parte de Portia, sendo muito feliz na scena do tribunal que conduzio com verdadeira superioridade. Agradou-nos tambem muito o Sr. Ruggeri na parte de Bassanio — é um bom galan de quem muito ha a esperar. Os outros artistas coadjuvaram a contento o illustre Novelli que deve sentir-se satisfeito, pois desta vez o publico tem affluído ao theatro.

L. N.

A BICHARIA

Vicente Reis bem me pôde agradecer o sacrificio que fiz em ceder ao collega, que hoje me precede n'esta secção, o bilhete do Lyrico que gentilmente me foi offertado pelo grande Novelli, para ir comprar uma cadeira do Sant' Anna e assistir á representação da revista *A Bicharia*.

Realmente, deixar de ir admirar Novelli no *Mercador de Venezia*, para ir ver *A Bicharia*, é um sacrificio a que só se pôde ser violentado por dever de officio.

Como peça nova e de autor nacional era de meu dever ir ver essa revista para, sobre ella, dar o meu parecer aos leitores deste semanario, que, como publicação critica e litteraria, tomou para com elles esse compromisso.



Da nova peça de Vicente Reis, pôde dizer-se o mesmo que Voltaire disse de uma obra que foi submettida ao seu julgamento. Tem cousas boas e cousas novas, mas... as novas não são boas, e as boas não são novas.

Não cabe aqui descrever detalhadamente tudo quanto pôde confirmar este juizo; por isso apenas darei um exemplo de cada caso.

A allusão aos frequentes sinistros da estrada de ferro Central, no primeiro quadro, é boa, mas é reprodução da critica feita na *Noticia Illustrada* por Julião Machado aos bondes electricos.

As scenas do quadro do inferno são novas, mas não são boas, por serem, alli collocadas, destituídas de senso commum.

N'esta falta de senso para localisação das scenas, incorre o autor com demasiada frequencia.

A parodia ou caricatura da actriz Pepa, collocada na scena do Jardim Zoologico é um disparate inqualificavel.

E' preciso não desprezar inteiramente o preceito camoneano do *quando, como e onde as coisas cabem*.

Ainda que admissivel nas revistas a fantasia, nem por isso podem ser ellas dispensadas da sensatez precisa á referencia de factos subordinados pela logica á oportunidade e ao lugar em que se devem passar.



Em seu conjuncto, *A Bicharia*, se bem que mais decente e acceida, nada tem de superior aos *Pontos nos ii* no tocante ao que se pode chamar trabalho de autor.

O exito tanto de uma como de outra é, em quasi sua totalidade, obra dos actores que as representam, secundados pelos effeitos da *mise en scene*, isto é, da choreographia, da musica e da scenographia.

A scena de mais successo da *Bicharia*, é sem duvida a da caricatura da Pepa, para a qual o autor da revista só contribuiu com o disparate do lugar onde a faz passar. Tudo n'essa scena é obra do habilidoso actor que a representa.

No mesmo caso estão muitas outras scenas, havendo até trechos de musica em francez, hespanhol e italiano, para cuja introdução na peça o autor só contribuiu, quando muito, com ligeiras rubricas.

De sorte que, a collaboraçaõ dos actores é afinal muito mais importante que a do autor.



Despojada desses bellos ornamentos, e sem a animação que os interpretes lhe emprestam, a nova peça de Vicente Reis é pauperima de graça, de interesse e até de feitiço.

Que elle não faça a tolice de a dar á estampa, por que, lida, ninguém deixará de julgar-a uma cousa sem pés nem cabeça, uma insulsa moxinifada.

Isto posto, *A Bicharia*, representada como o está sendo no Sant'Anna, é uma peça de successo seguro.

O Heller encontrou n'essa revista barata, e que elle ainda mais barata tornou pelo modo porque a poz em scena, (scenarios e guarda-roupa usados) uma gallinha de ovos de ouro, um excellent restaurador das suas desequilibradas finanças.

Felicita-o sinceramente por isso,

SANSÃO CARRASCÓ.

A NOSSA ESTANTE

Mudamos de titulo porque a nossa mesa já é pequena de mais para conter tudo quanto nos mandam.

Fomos obsequiados com:

Almanack e indicador Laemmert para 1895—Esta importantissima e util publicação que tão bons serviços presta ao nosso commercio, torna-se cada anno mais correcto e aperfeçoado. O almanack deste anno é composto, em grande parte, com um material typographico inteiramente novo e contém varios melhoramentos que denotam a boa e intelligente direcção da *Companhia Typographica do Brazil* e dos illustres redactores de almanack.

—

O Gallego, por Alexandre Herculanoo. Editores Rodrigues Paiva & C.

—

A Monarchia Brasileira por Luiz Francisco da Veiga. Na capa lê-se *Profissão de fé politica*, com um accurado estudo comparativo entre o Brazil e a Republica dos Estados-Unidos da America do Norte.

Dentro do livro, porém, vê-se que o estudo comparativo é menor sobre o paiz dos yankees do que sobre o nosso, em que o autor, exaltando patrioticamente a revolução de 7 de Abril de 1831, compara esta com a de 15 de Novembro, que não foi de todo de seu gosto.

O que nós achamos é que... não pôde haver comparação alguma entre uma e outra.

Entretanto, somos republicanos, mas é que ha republica e rrepublica; a que preferimos é a que se escreve com um R só.

—

«A Cigarra»—Este nosso collega, com as suas illustradas pennas e illustrações a penna, torna-se cada dia mais apreciado pelo seu vivo e fino espirito. O n. 5 traz a charge do Lulu Lenior, um retrato do Saldanha Maranhão com uma allegoria, o artista Novelli e *Os pais dos nossos netos*, fina pilheria da actualidade. O texto, sempre esplendido é intercalado com vinhetas adoraveis.

Bravo Julião Machado!

—

Relatorios apresentados aos Srs. Ministros da Justiça e Negocios Interiores e Dr. Prefeito Municipal pelo coronel Francisco de Abreu e Lima, commandante do Corpo de Bombeiros da Capital Federal.

Em secção especial tratamos desse assumpto.

—

Relatorio da Sociedade humanitaria Empregados no Commercio da cidade de Santos.

Muita nitidez na impressão.

Esta sociedade, sob a habil direcção do seu presidente o Sr. Manoel Joaquim Borges Junior, tendo por auxiliares os Srs. Castro Gabira, Benedito Pinheiro e José Carneiro Bastos, acha-se em plena prosperidade.

Estamos convencidos de que irá longe, sobretudo pondo em pratica, como vemos, o seguinte: socios que não pagam rua! socios de mau comportamento... idem. E lá foram sete destes...

Assim mesmo não é muito sendo sendo de 1,098 o numero d'elles.

—

Empreza Milone & G., enviou-nos uma assignatura para as récitas do grande artista Novelli, o que nos proporciona o melhor passa tempo que se pôde actualmente desejar, n'esta Capital tão cheia de sensaborias.

—

Da importante casa de J. Bevilacqua & C.

Musicas—Idyllo, valsa por Julio Reis e *Ritola*, valsa por Aurelio Cavalcanti.

Ainda não tivemos o prazer de ouvir essas duas composições musicas, mas o que podemos affiançar é que a illustração de ambas as capas é lindissima e muito honra os seus bem conhecidos e acreditados editores.

—

Revista Agricola—Orgão da Sociedade Pastoral e Agricola de que nos occuparemos mais tarde assim como da:

—

Immigração e Colonisação pelo engenheiro civil Abdon Milanez.

— Convite do Club dos Democraticos para o seu pomposo baile de hoje.

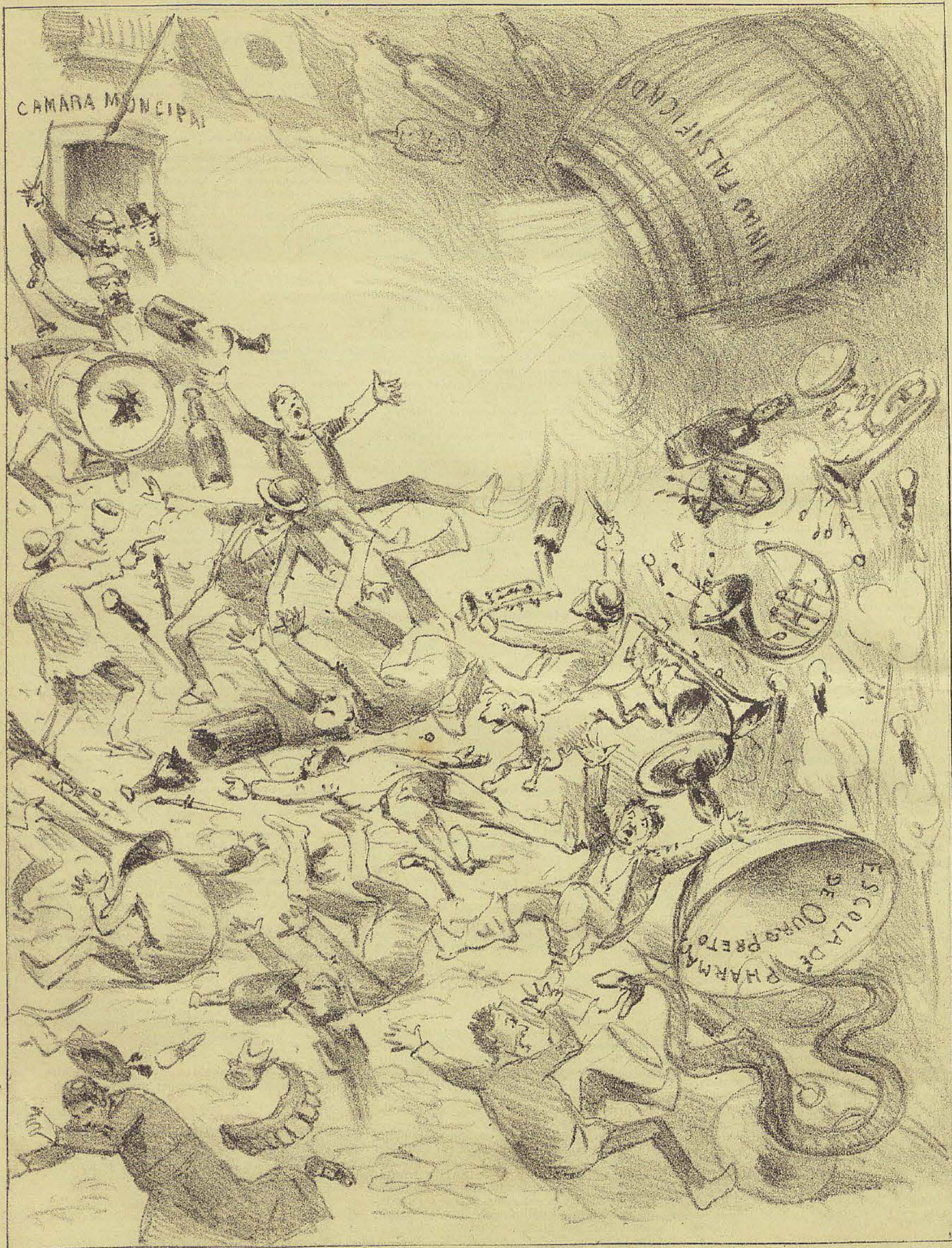
Lá estaremos.

—

Agradecidos a todos.

D. MESARIO.

Desenho telegraphico segundo telegramma de Ouro Preto ácerca das manifesta-
ções e conflictos entre estudantes, commercio e Camara Municipal.



Lá pela mineira terra
aqui está o que se faz :
Promove campos de guerra
Quem se diz Campos da Paz...